

A FACE DE LILITH EM INÊS DE CASTRO

Rossemberg da Silva Freitas¹
Cássia Maria Bezerra do Nascimento²

RESUMO:

A Literatura Portuguesa é um local amplo para significações, e uma personagem merece destaque dentre os nomes citados pelos poetas lusitanos: Inês de Castro, amante e amor de D. Pedro, que, mesmo depois de morta, foi adorada e aclamada como Rainha. É possível perceber que a essência da personagem é contraditória, visto que, ao se olhar de uma forma mítica, levando em consideração as faces femininas de Eva e Lilith, ambas estão em Inês. E nossa hipótese é de que, nos textos literários nos quais Inês de Castro é ilustrada, ora transparece-lhe mais Lilith, ora Eva sobressai ao caráter. O presente trabalho é parte de projeto de iniciação à pesquisa e visa compreender e investigar a face mítica de Lilith em Inês de Castro na adaptação feita em quatro atos, por Júlio Dantas, da “Castro”, de António Ferreira. Estes aspectos serão estudados frente à teoria da Residualidade Literária e Cultural e ao Estudo do Mito.

Palavras-chaves: Literatura Portuguesa; Inês de Castro; Lilith; Residualidade; Mito.

RESUMEN:

La literatura portuguesa es un lugar de gran significado, y un personaje merece mención entre los poetas portugueses: Inés de Castro, amante y amor de D. Pedro, que, incluso después de su muerte, fue adorada y aclamada como Reina. Se puede ver que la esencia del personaje es contradictoria porque, cuando se mira de manera mítica, teniendo en cuenta los rostros femeninos de Eva y Lilith, ambos están en Inés. Y nuestra hipótesis es que, en los textos literarios en los que Inés de Castro se ilustra, a veces dejando aparecer más a Lilith, a veces Eva sobresaliendo al carácter. Este trabajo forma parte del proyecto de iniciación a la pesquisa y su objetivo es entender e investigar el rostro mítico de Lilith en Inés de Castro en la adaptación hecha en cuatro actos por el Julio Dantas, de la "Castro", de António Ferreira. Estos aspectos serán estudiados frente a la teoría de la Residualidad Literaria y Cultural y al Estudio del mito.

Palabras-clave: Literatura Portuguesa; Inês de Castro; Lilith; Residualidad; Mito.

INTRODUÇÃO

Na Literatura Portuguesa, uma personagem feminina tem especial destaque no drama, na prosa e na poesia: Inês de Castro, amante e amor de D. Pedro, mesmo depois de morta, foi adorada e aclamada como rainha. É sobre esta personagem contraditória, sobre a face mítica de Lilith na personagem Inês de Castro, na adaptação feita em quatro atos, por Júlio Dantas, da “Castro”, de António Ferreira, que propomos investigar. A vida desta personagem em destaque no universo dos poetas lusitanos foi registrada por Fernão Lopes,

¹ Graduando em Letras- Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas

² Doutora em Sociedade e Cultura da Amazônia pela UFAM e Mestre e Letras pela UFC. Professora do DLLP e do Programa de Pós-graduação em Letra da UFAM.

Garcia de Resende, Luis de Camões, António Ferreira e Bocage. A amante de Dom Pedro teve uma vida passagem de prazeres e misérias, uma combinação poética, uma face ora trazida como a amante, a pecadora; ora como a amada, a sofredora.

A contradição está presente na personagem, e o presente artigo busca, assim, investigar as faces pagãs e cristãs de Inês de Castro, no entanto, o presente trabalho, parte de projeto de iniciação à pesquisa, visa compreender e investigar somente a face mítica de Lilith em Inês de Castro na adaptação feita em quatro atos, por Júlio Dantas, da “Castro”, de António Ferreira.

Para tanto, esta pesquisa fundamenta-se na teoria da Residualidade Literária e Cultural, organizada por Roberto Pontes, e, portanto nos estudos de Literatura Comparada e na História das Mentalidades e nos estudos do Mito.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 RESIDUALIDADE LITERÁRIA E CULTURAL

Sistematizada pelo Professor Doutor Roberto Pontes, a teoria da Residualidade Literária e Cultural consiste na propagação de uma mentalidade, seja individual ou coletiva, através dos tempos por meio da cultura e da literatura. A teoria apropria-se de termos operacionais como cristalização, resíduo, hibridação cultural, imaginário e mentalidade, termo este já difundido por Jacques Le Goff, no livro História das mentalidades, uma história ambígua, 1976.

A Teoria da Residualidade traz uma abordagem ampla da literatura, uma vez que usa elementos constituintes dos âmbitos históricos, sociais e antropológicos de um agrupamento social, a fim de abarcar o texto literário em todo o seu conteúdo. Trabalha com o princípio de que “na cultura e na literatura nada é original. Tudo é residual.” (PONTES, s/d, p. 1), ou seja: [...] certos aspectos comportamentais e culturais “vivos” e tidos como pertencentes a um dado momento histórico são, na verdade, traços característicos duma era passada, que foram retomados, por uma pessoa ou por um determinado grupo, de forma consciente ou inconsciente. (TORRES, 2011, p. 85).

Assim tem-se a definição de resíduo como aquele elemento primeiramente pertencente a uma dada sociedade que é posteriormente encontrado em outra cultura. O residual, por definição, foi efetivamente formado no passado, mas continua vivo e ativo no processo cultural do presente.

2.2 O ESTUDO DO MITO

Tal como um processo de personificação do imaginário popular, os mitos surgem em permanência da mentalidade de cada povo, trazendo explicações para perguntas frequentes e não respondidas satisfatoriamente, criações de entidades, comportamentos e arquétipos, e tantas outras coisas. O mito, segundo Eliade: [...] conta uma história sagrada. [...] narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. [...] Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos "primórdios". Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente fundamenta o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural. (ELÍADE, 1984, p. 9) O mito habita a mentalidade popular, tendo, portanto, repercussão no decorrer dos anos, assim como os mitos trabalhados na presente pesquisa, Eva e Lilith, que além de serem personagens míticas criacionais, são responsáveis por estabelecerem também a criação de comportamentos a serem seguidos ou repugnados, conforme mentalidade cristalizada.

3 A FACE DE LILITH EM INÊS DE CASTRO

3.1 O MITO INÊS DE CASTRO

Inês era filha do fidalgo D. Pedro Fernandes de Castro, neto ilegítimo de D. Sancho IV. No ano de 1340, foi para Portugal como dama de companhia de D. Constança, sua prima, que ia firmar casamento com o príncipe herdeiro D. Pedro, Filho de D. Afonso IV. Inês tornou-se amante do futuro rei, para sua desgraça, com o qual assume um relacionamento adúltero.

Vivia sem me lembrar
que paixão não podia dar
nem dá-la ninguém a mim:
foi-m'o príncipe olhar,

por seu nojo e minha fim!
(RESENDE in MOISÉS, 2000, p. 62)

O enlace foi interrompido por D. Afonso IV, que mandou Inês para exilar-se, em 1344, no Castelo de Albuquerque, na fronteira castelhana. No entanto, os dois enamorados continuavam a se comunicar por meio de cartas, e, após o falecimento da D. Constança no parto, D. Pedro viu-se desacorrentado daquele casamento que o prendia aos 24 anos e, então, trouxe Inês de volta para Coimbra onde começaram a viver juntos.

Em 1347, Inês de Castro tinha o primeiro de quatro filhos com D. Pedro. Mas o povo ainda ficava a incomodar-se com o adultério. Entretanto, D. Afonso IV, não aceitando que o relacionamento perdurasse, e temendo pelos direitos do seu neto legítimo, Fernando, ao trono, em 7 de janeiro de 1355, enviou três asseclas, Pedro Coelho, Álvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco, para Coimbra que, ao encontrarem Inês sozinha, tendo Pedro ausentado-se para caçar, degolaram-na impiedosamente. Inês teve o corpo enterrado às pressas na igreja de Santa Clara.

O príncipe D. Pedro, quando soube da morte de Inês de Castro, revoltou-se contra o pai e, ao ser posto no trono em 1357, dois anos depois da morte do Pai, mandou procurar os assassinos da amada Inês. Aos dois que foram encontrados, Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves, foram dadas mortes cruéis: retirar o coração, de um pelo peito, do outro pelas costas. Para a não completa felicidade de D. Pedro, o terceiro, Diogo Lopes Pacheco, conseguiu fugir.

Em 1360, D. Pedro jura ter se casado em segredo com Inês de Castro, o que a tornava rainha, merecedora de todas as honras. Em abril de 1360, o corpo de Inês foi transferido do convento de Coimbra para o mosteiro Real de Alcobaça, onde eram enterrados os monarcas portugueses.

O nome Inês de Castro tem importante representação na Literatura Portuguesa, começando por Fernão Lopes em suas crônicas, passando por Garcia de Resende em seu poema palaciano “Trovas à Morte de D. Inês de Castro”, sendo até personagem em *Os Lusíadas*, de Camões, e em uma peça de teatro de António Ferreira intitulada “Castro”, além de outros poetas portugueses. O episódio desta personagem é contado e recontado de diversas formas, em diversos moldes poéticos.

Para a construção da História de Portugal, este episódio é de fundamental relevância e, como tal, merece destaque. Como o fascinante ser de Mona Lisa, Inês de Castro também possui seu ar de mistério.

3.2 O MITO LILITH

Para uma visão mítica e pagã da personagem Inês de Castro, buscamos o que diz o mito Lilith que, no folclore popular hebreu medieval, é encontrada como a primeira esposa de Adão, antes de Eva. Lilith questionava a imposição divina de ser submissa a Adão e, portanto, foi levada a exílio no deserto, e depois expulsa do paraíso, demonizada, ficando conhecida como demônio do deserto.

Lilith apresenta as características mais impuras da mulher, como a luxúria e a vontade de se impor aos comandos de alguém, mais precisamente do macho.

Desde os primórdios, a submissão é tida como característica principal de uma mulher. O perfil feminino de submissão é desenhado desde Eva passando por Maria e tantas outras personagens míticas e históricas. No entanto, há a presença da outra face da mulher, outro perfil também é esboçado desde os primórdios, a mulher-demônio, conhecida como Lilith.

Dentro deste mito, Lilith é tida como espelho do pecado sexual, nato do homem; ao contrário de Eva, que, sendo segunda mulher de Adão, foi eterna submissa, pecando apenas por culpa da tentação, representada pela serpente, ou seja, um pecado que não pertence à natureza do homem.

Deus houvera mandado três anjos para buscar Lilith do deserto, onde ela havia se exilado por contra própria como uma maneira de afastamento daquela condição; porém, recusou o convite de retorno e, por fim, foi expulsa do paraíso pela desobediência.

Lilith questionava-se: “Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que ser dominada por você? Eu também fui feita de pó e por isso sou tua igual.” (SICUTERI, 1985, p. 19).

Outro aspecto encontrado na obra de Sicuteri (1985) é a apresentação da “serpente-demônio, ou o próprio demoníaco que existe em Lilith” (SICUTERI, 1985, p. 20) sendo representada pela imagem da tentação, da perdição, mas que também significa imortalidade e se assemelha à mulher, pois, assim como a cobra que, todos os anos, desprende-se de sua pele e renova-se, a mulher se desprende de sua pele interna uma vez por mês.

Um caso curioso é que, nas construções contemporâneas, Lilith é tida como a mãe dos vampiros e primeira esposa de Lúcifer. Na série *True Blood* (2008), tem-se Lilith como a matriarca de todos os vampiros, e a crença de que estas criaturas são a imagem e semelhança de Deus, e os humanos são seres menores. Esta afirmação é feita com base no que diz a

Escritura: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou” (Gênesis I, 27). Apoiando-se nestas palavras, conclui-se que, tendo Deus criado o homem a sua imagem e semelhança, e tendo uma “vampira” como primeira criatura, toda sua linhagem é que pertence e deve governar esta terra. Este é outro ponto de vista para o mito.

Outra vertente do mesmo mito que está presente na atualidade é a visão apresentada na série *Supernatural* (2008), em que Lilith é a primeira alma corrompida por Lúcifer, sendo assim sua esposa. Na queda do anjo, ele precisa levar uma alma, esta se tornará sua esposa e primeiro demônio, para, assim, construir sua população demoníaca. Na série também é mostrado que, em sua queda, ele ficou preso no inferno, podendo apenas ser liberto com a quebra do último selo, a morte do primeiro demônio: “E como está escrito, o primeiro demônio será o último selo” (*Supernatural*, 2008). Exigiu-se sacrifício de Lilith, que, por fim, morreu por amor a Lúcifer.

E apesar de uma negação por parte do cristianismo no que diz respeito à existência da primeira esposa de Adão, há, em algumas versões da Bíblia Sagrada, a presença de Lilith já demonizada e ambientada em seu exílio, como antes citado:

¹⁴ Aí vão se encontrar o gato do mato e a hiena, cabrito selvagem chamará seus companheiros; aí Lilit vai descansar, encontrando um lugar de repouso.

¹⁵ Aí vai se aninhar a cobra, que chocará os seus ovos e recolherá sua ninhada em sua sombra; aí se reunirão as aves de rapina, cada qual com sua companheira. (Is 34:14-15)

Lilith está, pois – na versão jeovística – mais próxima do protótipo natural da mulher do que Eva. (SICUTERI, 1985, p. 16) e dentro de todas essas visões que rondam a mesma personagem, têm-se aspectos que lhe são próprios, como o sexo e o pecado.

Lilith traz em seu arquétipo a mulher destruidora, a verdadeira personificação de tudo aquilo que é mostrado como distante do modelo perfeito ao feminino. Suas características habitam o campo daquilo que é mal, que causa repugnância, aversão e até medo. Em Saramago (2011), ela apresenta-se como: “[...], eu sou lilith, a louca, a desvairada, [...]”. (SARAMAGO, 2011, p. 70)

Robles (2006) a caracteriza como:

Um demônio noturno, a paixão da noite, anjo exterminador das parturientes, assassina de recém-nascidos, sedutora dos adormecidos, uma prostituta voluntariosa ou, para um juízo mais são, uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem (ROBLES, 2006, p. 35)

3.4 AS FACES MÍTICAS DE INÊS DE CASTRO

Segundo Eliade (1984), “o mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma "história verdadeira", porque sempre se refere a realidades” (ELÍADE, 1984, p. 9), realizando assim, a instituição de atividades humanas significativas. E, em se tratando do mito de Lilith e Eva, vê-se claramente que, a partir desses arquétipos femininos, houve a criação de um comportamento humano em referência aos das entidades sagradas em questão.

Essas primeiras mulheres deixaram um legado de comportamentos e definições acerca do ser feminino, tanto as consideradas “boas ou más”, visto que as personalidades se diferem de modo a terem muito contraste, obtendo semelhanças apenas no que rege o homem, Adão, visto que para haver uma definição de feminino, é necessário que se tenha uma para o masculino, assim como deve existir o mal para ser combatido pelo bem, um não vive sem o outro. No entanto, atentemo-nos à face lilítica do mito inesiano.

Ao seguir essa assertiva, para que se analise a face feminina aqui apresentada, é preciso a existência de contrapontos “masculinos”, sendo esta a primeira semelhança mítica no episódio de Inês de Castro. A personagem só garantiu seu lugar na história e na literatura por meio de D. Pedro, pelo amor que ambos tiveram e que marcaram a época vivida com adultérios e promessas. Só existiu Inês, pois existiu Pedro, assim como não haveria lógica ter-se Lilith (ou Eva) sem o macho Adão para contrastar no plano criacional.

Seguindo a comparação entre a personagem histórico/literária Inês de Castro e a face feminina que escolhemos para esta pesquisa, iniciamos por destacar a tentação, como aspecto a ser analisado, no que lhe confere característica de Lilith. Vejamos aqui a tentação por parte da figura ofídica referente à Lilith, visto que é possível atribuir-lhe a causa da queda e expulsão de Adão e Eva do paraíso, pois Lilith seria a serpente responsável pela tentação. É sabido que após a saída de Lilith do paraíso, a mesma é afirmada como um demônio. Ora, sabemos pelas Escrituras que também a serpente é um demônio; portanto, Lilith é o veículo do pecado (SICUTERI, 1985, p. 37)

Em “A Castro”, adaptação em quatro atos da Castro de António Ferreira, em um diálogo, Inês diz a sua ama: O súbito prazer engana e erra! (DANTAS, 1968, p. 22)

No diálogo, é possível compreender que há no episódio inesiano um súbito prazer. De acordo com as palavras usadas pela própria Inês, vê-se que houve certo prazer no relacionamento, mas que o mesmo fora súbito, como se houvesse sido tal como uma tentação, rápido e comprometedor. E Inês afirma que esse tipo de sentimento engana e erra. Ora, se no perfil de Inês tem-se um amor, ou melhor, um prazer que engana erra, é de se supor que tal sentimento é nato do arquétipo desenhado por Lilith em sua transgressão. Sabe-se, pois, que é por meio de Lilith, com seu prazer súbito, que há no paraíso o primeiro sinal de pecado.

A própria personagem possui sua feminilidade marcada pelos aspectos contraditórios de Lilith e Eva, pelo simples fato de ser a amante, aquela que destruiu o casamento de D. Constança, com o príncipe, e, ao mesmo tempo, a esposa com a qual Pedro gostaria de estar realmente casado.

Na segunda cena do primeiro ato, tem-se um diálogo entre Pedro e Inês, com a presença do coro que canta:

Já quando Amor nasceu,
 Nasceu ao mundo Vida,
 Claros raios ao sol, luz às estrelas.
 O céu resplandeceu,
 E, de sua luz Vencida,
 A escuridão mostrou as coisas belas.
 (DANTAS, 1968, p. 23)

Temos uma clara alusão a um momento criacional, aqui em razão da origem dos sentimentos presentes nos enamorados Pedro e Inês. No entanto, é possível perceber traços de um discurso bíblico também de origem, em se tratando da origem do mundo, em todos os seus ângulos. Vejamos o discurso bíblico:

³ Deus disse: Que exista Luz! E a luz começou a existir. ⁴ Deus viu que a luz era boa. E separou a luz das trevas: ⁵ à luz Deus chamou dia, e às trevas chamou noite. Houve uma tarde e uma manhã: foi o primeiro dia. (Gen.1, 3-5)

Após a luz vencer as trevas, Deus viu que havia o belo que escondia-se por detrás de esparsa escuridão. Assim com os enamorados Pedro e Inês que descobriram-se apaixonados verdadeiramente após tanta contradição quanto a permanência de Inês na vida deles. No entanto, para a última sentença do trecho selecionado, tomemos a atenção para a descoberta da beleza pós-escuridão, ou como se a própria escuridão detivesse seu lado belo e envolvente, sem deixar de ser imagem daquilo que é ruim. Inês tornou-se uma ameaça para o reino, e

consequentemente, para o casamento de Constança com Pedro. Era seu lado obscuro tomando forma de algo belo para fins destrutivos. A escuridão de Inês mostrou as coisas belas. Aqui há uma clara referência ao perfil de Lilith que nasceu das trevas, uma sedutora personagem da mítica origem do homem feita de fezes e imundícies.

Podemos também afirmar que da escuridão nascem demônios. E demônios são belos aos olhos daqueles que são tomados por seus encantos. No demônio que há em Lilith, e em Inês, tem-se o poder de sedução e de destruição.

No que se refira a Pedro, tracemos um paralelo com Adão. Na cena terceira do primeiro ato, o infante diz: “Sou humano, Senhor. Tentações grandes vencem ânimos fortes” (DANTAS, 1968, p. 25). Sintamos a presença de Adão no discurso de Pedro, quando o primeiro homem comeu do fruto da árvore proibida. No entanto, sabe-se que foi a mulher dada por Deus a Adão que deu o fruto a ele, revelando assim que ao homem não é dado o perfil de tentador, mas de tentado. Eva deu o fruto a Adão, mas Lilith, supostamente, deu-o a Eva, movendo um ciclo que parte do demônio que há em Lilith, para a queda do homem no paraíso. O homem é forte, mas a tentação proveniente da mulher é forte o bastante para derrubá-lo. Nesse aspecto, Inês não traz a ingenuidade de Eva por aceitar um fruto proibido, mas o próprio demônio lílítico de oferecer seu amor em pecado ao seu homem, Pedro.

Ainda nas palavras de Pedro, vemos que Inês é, de fato, causa de queda para a figura do infante e para o reino. Ele esboça um longo monólogo acerca do seu amor para Inês, mostrando que seu sentimento é verdadeiro e tornou-se avassalador de tal forma que Pedro pede para que arranquem a alma de seu peito, mas não retire Inês de sua vida.

Em um trecho, especificamente, ele diz: dum sangue nos formou a natureza. Sabe-se que o sangue como símbolo para o episódio inesiano é pedra fundamental, pois todo o romance proibido deu-se por conta de Inês não pertencer a uma boa linhagem de sangue, não podendo dar bons frutos para o reino, tampouco governar como Rainha. Tem-se o sangue também como causa de repulsa. Inês apareceu com um *sangue ruim* e não era digna de pertencer ao reino de Pedro.

O sangue também tem forte representatividade no mito de Lilith, pois é dito que Adão encontrou uma mulher cheia de sangue e saliva, e por ela teve asco. No mito inesiano, tem-se um reino que viu tal mulher com aquele sangue, e por ela, teve desgosto. Não é de se estranhar que o sangue em Lilith tenha relação com sua libertinagem, seu aspecto sexual lascivo que emana força, e pensar Inês com tal perfil capaz de mudar um reino, mesmo tendo a correr por seu corpo um sangue que causa repulsa.

Pensemos também no ser demoníaco de Inês com uma referência mais próxima do conhecimento de um imaginário maior, Lúcifer, anjo caído que desceu como estrela cadente ao submundo. Ao tratar Lúcifer, encontramos Lilith que também rebelou-se contra o poderio de Deus e, conseqüentemente, foi demonizada. Ambos detinham beleza dada por Deus na suma criação. Porém, ambos não aceitaram todo o sistema imposto e por isso, foram rebaixados a criaturas demoníacas. Quanto a Lúcifer, em Isaías é dito que era estrela da manhã, detinha luz e graça, no entanto, quando caiu, perdeu suas características sagradas. Em um diálogo da segunda cena do segundo ato, temos o Rei a perguntar a seus conselheiros, Coelho e Pacheco:

REI
 [...]

 Que estrela foi aquela, tão funesta?

 COELHO

 Uma mulher, senhor, que tudo pode.

 PACHECO

 Uma mulher, que é a perdição do reino.

 (DANTAS, 1968, p. 39)

Todo diálogo é construído no perfil demoníaco de Inês. A estrela funesta é Inês, como referência à estrela Lúcifer que caiu ao submundo e alastrou o mal. O perfil desenhado à mulher neste diálogo é pertencente ao arquétipo de Lilith, como uma mulher que tudo pode, inclusive ser causa da perdição de um reino. Inês detém o poder de destruição em suas mãos, representando o poder demoníaco que há em Lilith.

Voltando para o aspecto serpente-demônio-mulher, tem-se um a fala de Pacheco, conselheiro do Rei, em que ele revela mais traços lilióticos de Inês:

PACHECO

 Não és justo!

 Vês, poderoso rei, vês com os teus olhos

 A peçonha cruel, que vai lavrando

 Gerada deste amor cego; vês quanto

 A soberba, o desprezo destes homens

 Contra ti, contra todos vai crescendo:

 Se em tua vida nos tememos tanto,

 Que faremos depois da tua morte?

 Por dar saúde ao corpo, qualquer membro

 Que apodrece se corta, e pelo são,

 Porque o são não corrompa. Este teu corpo,

 De que tu és cabeça, está em perigo

 Por esta mulher só: corta-lhe a vida,

 Atalha esta peçonha, tê-lo-hás salvo.

 (DANTAS, 1968, p. 45-46)

Dá-se Lilith em Inês em uma característica particular: a peçonha. Sabe-se que a peçonha faz parte da serpente, mas também age no sentido de maldade, malícia. E o único modo de salvação do mundo, ou de um reino, seria *atalhar esta peçonha*, impedindo que ela cresça e destrua mais. Por fim, houve um fim para Inês, que assim como Lilith foi demonizada e expulsa depois de exilada, também recebeu um fim trágico para seu episódio.

Ao fim, implora Pedro “Ó leões bravos, ó tigres, ó serpentes! Porque não vos Volvestes para mim?”. É possível perceber a quais animais Pedro relaciona ao mal, a serpente é uma delas. Inês descansará com a serpente, assim como Lilith em Isaías que terá a cobra a aninhar-se em suas proximidades. Os leões e os tigres também são relacionados a demônios como diz Sicuteri (1985):

Os diabos eram vistos como dragões imensos com as fauces escancaradas, corpos híbridos compostos mais frequentemente de membros humanos e partes de *leões, tigres, panteras, hienas, touros, bodes, águias, serpentes, escorpiões, cães, peixes, feras, com bicos e garras; frequentemente, também cabras aladas e cobertas de horrendas escamas rugosas.* (SICUTERI, 1985, p. 47)

“Em Lilith há o pedido da inversão das posições sexuais equivalentes aos papéis, enquanto em Eva há o ato de transgressão da árvore, em obediência à serpente” (SICUTERI, 1998, p. 20) e em Inês há o pedido de inversão de papéis sociais, para que ela se torne a esposa, não amante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História e a Literatura trazem a personagem Inês de Castro, amante de D. Pedro, a parceira de um homem casado sobre a qual é possível reconhecer a personalidade sexual de Lilith, um “estereótipo” da promiscuidade da mulher.

As semelhanças são encontradas até ao se perceber algumas marcas na história e na própria fisionomia de Inês, pois, a mesma era descrita como loura e elegante, lembrando assim as várias representações em que Lilith é vista como uma mulher sensual, elegante e loura.

Por fim, ao considerarmos que a mentalidade sobre a mulher, boa ou má, se repete ao longo da História, como podemos perceber na/pela Literatura, utilizamos o que pressupõe a teoria da Residualidade Literária e Cultural, de Roberto Pontes (1999), que diz que “toda

cultura viva vem a ser produto de uma residualidade” (PONTES, 1999, 155). O processo de identificação cultural traz consigo resíduos tanto míticos quanto religiosos, no que consiste o costume e os hábitos que são passados de geração em geração. Principalmente, aos ditos cristãos, há a presença da Bíblia, com as realidades que são consideradas verdade inquestionável, como é o caso de Eva, no entanto, no decorrer da história, são vistos componentes residuais não tão presentes na Entidade Eva, porém, sim, na personalidade sexual da mítica Lilith, como explanado na presente análise.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA, O antigo e o novo testamento. Tradução, introdução e notas: Euclides Martins Balancin. Edição Pastoral. Ed. Paulus, São Paulo: 1990.

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários*. Trad. Carmen Vera Cirne Lima; ilustrações de Jussara Gruber. São Paulo: Globo, 1989.

BRANDÃO, Jacyntho J. Lins. *Amor e Morte Na "Castro" de Antônio Ferreira*.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Vol. 1; Ed. Vozes, 1986

CAMPBELL, Joseph. Conversa com Bill Moyers. *O Poder do Mito*. Ed. Figueira da Foz: Portugal. 2013.

COUTINHO, Eduardo Faria & CARVALHAL, Tania Franco (Orgs.). *Literatura Comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CRISTÓFANO, Sirlene. *Des(re)construção da imagem mítica de Inês de Castro em: Inês de Portugal e Teorema*.

DANTAS, Júlio. *Adaptação, em 4 atos, da CASTRO, de António Ferreira*. Ed. Brasil Ilimitada Sociedade. 1968

DE LA MOTTE, Por M. Houard. *Doña Inés De Castro. Tragedia En Cinco Actos*. Escrita En Francés, traducida Y acomodada al Teatro Español: Representada por la primera vez en Madrid en el Teatro del Principe en Setiembre de 1826. MADRID, 1826, Imprenta De D. Miguel De Burgos.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. Editora Perspectiva S.A., São Paulo, 1972. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984.

_____. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JESUS, Ester Zuzo. *O Possível Entrelaçar do Eterno Mito Feminino: Eva e Lilith em Pandora*.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa Através dos Textos*, 27ª Ed. Editora Cultrix, São Paulo.

NATIVIDADE, M. Vieira. *Ignez De Castro e Pedro O Cru: perante Iconografia dos seus Túmulos*. Lisboa.

RESENDE, Garcia de. *Cancioneiro Geral*. Nova Edição preparada pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães. Universidade de Coimbra. Imprensa Da Universidade.

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos* / Tradução William Lagos, Débora Dutra Vieira. - São Paulo : Aleph, 2006.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009

SICUTERI, Roberto. *Lilith- A lua negra*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 3ª Ed. 1985

SOUSA, Maria Leonor Machado de, *Inês de Castro na Literatura Portuguesa*, Lisboa. 1984

SOUSA, Maria Leonor Machado de. *O Horror da Literatura Portuguesa*. Vol 32. Instituto de Cultura Portuguesa. 1979

ZAGNI, Rodrigo Medina. *Inês É Morta! A Tragédia de Inês Pires de Castro entre e Narrativa Literária e a História*.